

D O N A ou Um Sonho de 14 de Julho

Luiz Olyntho Telles da Silva

"To arms, to arms! the fierce virago cries,
And swift as lightning to the combat flieess.
All side in parties, and begin th'attack
Fans clap, silks rustle,
and tough whalebones crack."¹

Alexander Pope, Rape of the Lock

"La donna é mobile
Qual piuma al vento."

F. M. Piave, Rigoletto.

"SALOMÉ: O mistério do Amor é muito maior que
o mistério da Morte."

Oscar Wilde, Salomé.

"A felicidade é como a pluma
que o vento vai levando pelo ar,
voa tão leve, mas tem a vida breve..."

Vinícius de Moraes, Orfeu do Carnaval.

"Entzuckende Marter und wonniges Weh!
Der Schmerz wie die Lust unermesslich!
Derveilen des Mundes Kuss mich beglückt,
Verwunden die Tatzen mich grässlich."²

*Heinrich Heine, (Prefácio a terceira edição de)
Buch der Lieder.*

É um lugar comum dizer que aquilo que se teme é o que se deseja. Pois bem, se é o que se deseja, por que o temor? Esta é a questão, parafraseando o poeta: por que rimar amor com temor?

Eva, seduzida pela serpente, seduz e desgraça a Adão. Judith, abençoada por Ozias e os chefes dos filhos de Israel, seduz e desgraça a Holofernes. Dalila, seduzida pelos Filisteus, seduz e desgraça a Sansão. Cleopátra, adornada pelo ouro, a prata e o reino do Egito, seduz e desgraça Antônio. Salomé, com sua dança e o poder do tio Herodes Antipas, faz Iokanaan perder a cabeça. Carmem, com o feitiço cigano, seduz e desgraça D. José Navarro. Carlota, adornada com uma singela faca de pão, leva Werther ao delírio e ao suicídio.

Assim que, ao longo dos tempos e da clínica, nos defrontamos com este fantasma da mulher castradora, e um fantasma que exige sangue, como se desse sangue dependesse para dizer a verdade,

como os fantasmas de Homero que, na casa de Hades e Perséfone, dizem a Ulisses o que ele quer saber. 3

Em todos os exemplos mencionados, somos obrigados a reconhecer que estas mulheres se sentiram também irremediavelmente atraídas a estes homens: para Eva, Adão foi o primeiro eleito; Judith já mostrara suas preferências ao se casar com Manassés; Dalila parecia entender de homens potentes; Cleópatra trazia no sangue das Cleópatras o gosto pelos impérios; Salomé, aprisionada pela voz e pelo olhar de Iokanaan, não tem outra escolha a não ser se entregar àquele corpo "branco como os lírios da campina que o ceifeiro nunca ceifou". Wilde menciona inclusive, entre as fontes de sua inspiração, um evangelho descoberto na Núbia por Boissière, o qual fala de um jovem filósofo a quem uma princesa hebraica presenteia com a cabeça de um apóstolo. O moço responde, a sorrir: "o que eu desejo, ó minha bem amada, é a tua própria cabeça!" E a noite um escravo apresenta ao filósofo a cabeça da pobre amada, como diz Gomes Carrillo 4 na Introdução à peça, e Wilde acredita que aí está Salomé!

Enquanto para o homem o jeito é ir em busca do a, para a mulher a questão é buscar o falo que está para além do homem, enquanto provoca uma falta no campo do Outro 5:

Se pudesse transmutar as palavras de Freud quando ele diz supor que "um desejo consciente só pode tornar-se um indutor de sonho se obtiver sucesso em despertar um desejo inconsciente do mesmo teor e conseguir reforço dele" 6, eu diria o seguinte: um desejo só pode induzir o sonho se conseguir despertar o desejo do Outro (A).

Esta passagem de A interpretação dos sonhos me parece muito importante, mesmo porque esta parece ser uma das primeiras vezes, senão a primeira, em que aparece o termo transferência. Freud diz que as moções inconscientes, de maior intensidade que as conscientes, estão sempre em estado de alerta para übertragen sua força para as de menor intensidade. E é neste momento que Freud evoca, em uma nota de rodapé, a estes fantasmas que exigem sangue para despertar para uma nova vida.

Para ver esta situação mais de perto ocorreu-me examinar um sonho de Edmond de Goncourt registrado em seu diário no Dia da Tomada da Bastilha, em 14 de julho de 1883: "Sonhei esta noite - escreve Edmond - que estava numa festa, de gravata branca. Nessa festa vi quando entrava uma mulher, que reconheci; era a atriz de um teatro de revista, mas não fui capaz de lembrar-me de seu nome. Ela estava envolta em um xale, e só notei que ela estava completamente nua quando saltou sobre a mesa, onde duas ou três garotas tomavam chá. Então começou a dançar, e durante a dança deu alguns passos que mostraram suas partes íntimas armadas com as mais terríveis mandíbulas que se abriam e fechavam, expondo os dentes agudos. O espetáculo não teve efeitos eróticos para mim, exceto o de encher-me de ciúmes, de imbuir-me de um desejo feroz de apropriar-me daqueles dentes - justamente agora que estou perdendo meus dentes ainda sadios. De onde diabos teria vindo um sonho tão esquisito? - ele pergunta. Não tem nada a ver com a queda da Bastilha."

Infelizmente faltam-nos as associações, mas sabemos, em todo caso, por Peter Gay 7 que recolheu este sonho do Journal, que Edmond de Goncourt era um solteirão inveterado que na juventude frequentara cortezãs e mantivera algumas amantes, uma inclusive em sociedade com seu irmão Jules. Como resto diurno não podemos deixar de considerar ao 14 de Julho, ainda mais se tomarmos em consideração a insistente denegação de sua importância. Peter Gay também chama a atenção para a denegação dos "efeitos eróticos". Ele não se excita, apenas quer ter, possuir aqueles dentes (brancos como sua gravata?). Chamo a atenção ainda para o mencionado vergessenheit do nome da atriz.

Não é preciso ser um especialista na obra de M. Thiers para saber da importância da data do sonho, que é simplesmente o dia mais importante do calendário para qualquer francês. A

Queda da Bastilha, resultado de uma decisão tomada no calor da luta, representa a revolta contra o autoritarismo, a execução do pai pelo filho, e o fato de apenas Du Puget, Tenente do Rei, ter escapado da chacina, confirma a hipótese.

Depois há o esquecimento do nome da atriz do teatro de revista: se por um lado este esquecimento provoca o aparecimento de um buraco, de um trou como diria Lacan, um buraco lógico que diz do interesse de sua libido, por outro ele se refere ao buraco epistemológico - conforme a expressão de Rossolato - como terríveis mandíbulas que se abrem e fecham expondo dentes agudos que ele quer possuir, colecionar quiçá!

O valor atingido pelo marfim das presas de elefantes e javalis dão bem a significação que tem estes dentes para o homem, fato este que me fez lembrar do mito de Medusa. Freud, quando escreveu seu curto ensaio em 1922, atem-se ao caráter apotropaico de seus cabelos, sem mencionar suas mãos de bronze, suas asas de ouro que lhe permitiam voar e seus dentes semelhantes aos do javali. Além do mais consta que Medusa nem sempre foi um monstro: antes era inclusive uma linda jovem, orgulhosa da beleza de seus cabelos, e por ter se entregue a Poseidon no templo de Atenas foi por esta monstruosamente castigada. Mas a verdade é que nem por perder sua beleza tornou-se menos desejada; prova disto são as pétreas estátuas dos que ingenuamente lhes buscaram. Perseu parece ter sido o único que conseguiu olhar para a Gorgona sem sofrer os efeitos mortais de seu olhar, usando para isto do espelho formado por seu escudo, ou seja, escudado na teoria de que a imagem virtual é inoperante. Mas não podemos deixar de lembrar, em todo o caso, que sua excursão estava autorizada por um pai.

Pois bem, esta cabeça de Medusa lembra a vagina dentada sonhada por Edmond de Goncourt. A diferença é que, enquanto Perseu, autorizado por um Pai, vai em busca do objeto desejado e - não por acaso - o conquista na cama, Edmond coloca seu objeto na mesa, no centro da festa, e vem dizer que não quer nada com ele!

No seminário de 20 de novembro de 1963, sobre Os nomes do Pai, Lacan diz que o homem, por ter sido feito diferente dos outros animais, do barro, procura para si ancestrais honoráveis - e o fantasma de romance familiar bem pode ser um corolário dessa busca -, ele precisa de um ancestral animal (do Shofar simbólico, ao Barone Cefallu, cada um faz como pode). E estes monstros? Não são uma maneira de se referir ao ancestral? "O que Eloim designa em sacrifício a Abraão é o seu ancestral (no cordeiro primordial). Ele o presentifica como desejo".

Assim que a verneinung de Goncourt é uma forma de manter a repressão neurótica: "A nudez da mulher não me excita!" "Não tem nada a ver com a Queda da Bastilha!" O que Edmond de Goncourt denega é a presença do nome do pai neste corpo que ele - por metonímia - quer possuir. E mais, se tomamos em consideração as Notas de Viagem de Ramalho Ortigão quando descreve a parisiense, dizendo que "Falta-lhe o sólido arcabouço da mulher britânica; os fortes ossos, os largos dentes, as grossas mandíbulas de carnívoro", veremos que Edmond sonha com aquilo que supõe faltar à mulher.

O nome do pai é esta faísca que, presente no corpo do outro, faz com que ele se torne atraente, e cuja ausência o torna repugnante. É no jogo da homofonia entre o "nome" e o "não", le nom e le non do pai que a aproximação ao objeto se viabiliza. Para Edmond, que se refugia no celibato, seu desejo só consegue expressar-se pelo medo e desdém.

Para concluir, lhes deixo, como interrogação, um outro estilo de aproximação ao objeto, oposto ao de Edmond, exemplificado em um poema de Heine do qual tomei uma estrofe como última epígrafe deste trabalho.

Trata-se de uma prosopopéia prenhe de oxímoros na qual o poeta é conduzido pelo canto alegremente triste de um rouxinol à presença de uma marmórea Esfinge, misto de horror e luxúria, pela qual, como já fazia antever o canto do rouxinol, ele se apaixona e desperta com seus beijos. Enquanto o Sfinx bebe sofregamente os Mundes Kuss do poeta, dilacerando-o com suas garras leoninas, tem lugar a epigrafada estrofe na qual da conta, perplexo, da oxímora conjunção do arrebatador martírio e da deliciosa dor. E na estrofe seguinte é o rouxinol que se dirige à Esfinge para perguntar porque é que o amor precisa misturar sempre à bem aventura, à felicidade, um martírio mortal?

"O Liebe! was soll es bedeuten
Das du vermischest mit Todesqual
All deine Seligkeiten?"

(2)

(3) HOMERO, A Odisséia. Rio de Janeiro, Ed. Tecnoprint Ltda. (Livro 11) Tradução e adaptação de Fernando C. de Araújo Gomes, pg. 163 e ss.

(4) WILDE, Oscar, Salomé. Rio de Janeiro, Philobiblion, 1977.

(5) LACAN, Jacques, Encore. Paris, Seuil, 1975, p. 73.

(6) FREUD, S. A interpretação dos sonhos. Rio de Janeiro, Imago, Ed. Standard das Obras Completas, Vol. V, p. 589.

(7) GAY, Peter, The Bourgeois Experience: Victoria to Freud. (Volume 1) Education of the Senses. Part. 2, cap. II. Oxford University Press, Inc., 1984.

Apresentado à Jornada sobre Os Nomes do Pai, promovida pela Escola Freudiana de Montevideo, em Montevideo, 2 e 3 de Dezembro de 1988.

¹ "Às armas, às armas! a fogosa virago grita,
E rápido como um relâmpago ao combate voa.
Todos enfileirados, e começa o ataque
Ventam leques, frufutam as sedas
e duros espartilhos quebram." (Tradução do autor).

² "Arrebatador martírio e deliciosa dor!
A mágoa de um imenso prazer!
Enquanto os beijos de sua boa tornam-se feliz,
Suas garras me ferem com horror." (Tradução do autor).